

Sociambientalismo e preservação ambiental no Brasil: contribuições a partir de uma visão regional

Regina Coelly Fernandes Saraiva
Prof. História da Faculdade UnB Planaltina – FUP/UnB
rcoelly@hotmail.com

Resumo

Este texto tem como objetivo apresentar contribuições para pensar o socioambientalismo no Brasil, a partir do estudo de caso da região de Alto Paraíso, na Chapada dos Veadeiros - GO. A pesquisa realizada na região identificou a formação do movimento socioambiental, bem como a formação de redes sociais estabelecidas em torno da causa ambiental. Na região de estudo, localizam-se a Reserva da Biosfera do Cerrado, diversas Unidades de Conservação (Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros), a Área de Proteção Ambiental – APA – Pouso Alto e diversas Reservas Particulares de Patrimônio Natural (RPPNs). A metodologia de pesquisa consistiu na realização de entrevistas baseadas nos procedimentos da história oral, análise das memórias dos participantes do movimento, experiências e atuação, para identificação de características do movimento ambientalista em seu caráter regional. Durante a pesquisa foram realizados levantamento bibliográfico, documental e audiovisual, seguido de análise para o (re)conhecimento da atuação do socioambientalismo em Alto Paraíso.

O movimento ambientalista não tem um começo claro. Segundo McCormick (1992, p.21), “não houve um acontecimento isolado que inflamasse um movimento de massas (...). O movimento não começou num país para depois espalhar-se em outro; emergiu em lugares diferentes, em tempos diferentes e geralmente por motivos diferentes.” As raízes históricas do socioambientalismo são normalmente associadas ao romantismo, no século XVIII, e às práticas preservacionistas e conservacionistas propostas por John Muir e Gifford Pinchot, a partir do movimento ambiental americano.

Embora não haja uma precisão de onde e em que lugar começou o movimento ambientalista, é possível afirmar que a mobilização de grupos sociais em torno da causa ambiental, diz respeito às novas sensibilidades e a mudança no padrão de percepção do

mundo natural, que se desenvolveu no século XIX, a partir do reconhecimento dos efeitos de deterioração do meio ambiente e da vida nas grandes cidades industriais. Somado a isso, surgiu o interesse específico na criação de áreas protegidas, que estimulou o discurso e a valorização da natureza. Ato simbólico, neste sentido, foi a criação do Parque Yellowstone, nos Estados Unidos, em 1872.

Mobilizados por essa nova postura ética diante da natureza, os movimentos de contracultura dos anos 60 (movimentos pacifistas, *hippies*, feministas, movimento estudantil, entre outros) se engajaram nas propostas do movimento ecológico, como crítica à sociedade industrial capitalista e a sociedade de consumo. Naquele período, os movimentos ecológicos aglutinavam um conjunto amplo de sujeitos com interesses e propósitos muito variados, mas com uma intenção coletiva comum, buscar uma vida alternativa à sociedade de consumo industrial e promover uma vida mais próxima à natureza.

No Brasil, as raízes históricas do socioambientalismo são associadas aos movimentos que organizaram primeiramente no Rio Grande de Sul, mais especificamente na cidade de São Leopoldo, tendo como referência pessoas como José Lutzenberger, Henrique Luiz Hoessler, entre outras pessoas, como Paulo Nogueira Neto. A maioria dos estudos que fazem referência à formação histórica do movimento ambientalista no Brasil foi produzida por cientistas políticos e sociólogos (VIOLA, 1987, 1990, 1992; LEIS, 1992, 1995, 1999) e são vastamente utilizados como referência em cursos de formação superior nas universidades brasileiras e em outros campos de formação que se interessam pelo tema.

Contudo, muitas lacunas em relação às raízes históricas socioambientalismo no Brasil estão abertas e exige de pesquisadores de outras áreas o engajamento em pesquisas que contribuam não apenas como a construção de uma suposta origem do movimento ambientalista, mas que ajude a compreender como a formação desses movimentos ocorreu no Brasil.

A produção historiográfica no Brasil sobre o ambientalismo é significativa. Historiadores como José Luiz de Andrade Franco (2004, 2009), José Augusto Drummond (2009) e José Augusto Pádua (1987, 1991) têm contribuído sobremaneira

para desmistificar visões e apresentar outros olhares. A intenção de ampliar o conhecimento relativo ao movimento ambientalista no Brasil dirige nosso olhar para a Chapada dos Veadeiros – GO.

A região, no início da década de 80, especialmente a cidade de Alto Paraíso de Goiás, recebeu vários grupos sociais atraídos ou pelas belezas naturais, ou por aspectos místicos e apocalípticos atribuídos à região, ou simplesmente porque desejavam um rompimento definitivo com a vida urbana. *Hippies*, esotéricos, espiritualistas e comunidades alternativas buscaram a região como uma alternativa de vida mais próxima da natureza ou onde pudessem por em prática projetos de vida associados a uma vida mais simples e espiritualizada.

O engajamento explícito em práticas ecológicas voltadas para a preservação ambiental na região não foi uma intenção inicial entre os grupos que se dirigiram a para a Chapada dos Veadeiros. Ao chegarem a Alto Paraíso, foram se constituindo em comunidades alternativas muitas vezes isoladas do contexto da pequena cidade. A ideia era quanto mais distante da cidade e das coisas que ela oferecia, melhor. Nesse sentido, antigas propriedades rurais de moradores nativos foram sendo adquiridas por esses grupos que passavam a viver de modo simples e harmônico com a natureza. A questão ecológica começou a ganhar maior densidade entre esses grupos à medida que se tornaram cada vez mais públicas as discussões realizadas pela ECO-92 (Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento), que se transformou num marco do discurso ecológico no Brasil.

Na Chapada dos Veadeiros, a partir da ECO-92, as condições para manifestações em torno da preservação da natureza encontraram o lugar perfeito: a natureza exuberante e a existência do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, que se fortaleceu como área de proteção ambiental. Além disso, a disseminação do conceito de desenvolvimento sustentável inflamou na região o imaginário no meio ambientalista. Segundo Albuquerque (1998, p. 254), “na Chapada, tal era o entusiasmo reinante que amadureceu a idéia de transformar Alto Paraíso de Goiás em um laboratório de tecnologias doces, em município modelo de desenvolvimento sustentável.”

O engajamento político em relação às questões ambientais na região levou muitos grupos a criarem ONGs comprometidas com a preservação da natureza, ou a se somarem às propostas de outras entidades que chegaram ao local, estimuladas pela perspectiva de transformar Alto Paraíso em “município sustentável”, como a Funatura e a WWF. Foram se constituindo redes sociais que visavam fortalecer de fato um projeto mais sustentável para a região.

Esse contexto também serviu para que houvesse maior aproximação com moradores nativos da Chapada, estimulando-os na participação de projetos ou ainda conscientizando moradores para práticas associadas à preservação do cerrado, bioma característico da região.

O crescimento do ecoturismo na Chapada dos Veadeiros também mobilizou grupos ambientalistas de Alto Paraíso a se engajarem nessa prática, gerando até mesmo a criação de associações profissionais para o atendimento ao turista ou a adequação de suas propriedades para a realização dessas práticas. No mesmo sentido foram criadas muitas Reservas Particulares do Patrimônio Natural - RPPNs, que fundadas no interesse de promover a preservação ambiental do cerrado, também adotaram práticas articuladas ao ecoturismo.

Todos esses aspectos revelam, brevemente, a Chapada dos Veadeiros como um lugar onde a formação e a manifestação do movimento ambientalista ganharam contornos muito específicos, ainda que articuladas ao contexto histórico mais amplo no que diz respeito às questões ambientais, a ECO-92, e ao contexto de idéias que embasam o socioambientalismo: o desenvolvimento sustentável. A pesquisa bibliográfica e empírica buscou responder os seguintes questionamentos: quais são as raízes históricas do movimento socioambientalista na Chapada dos Veadeiros? Quais características marcam o movimento ambientalista naquela região? Quais as contribuições do socioambientalismo que se desenvolveu na Chapada dos Veadeiros para a história do ambientalismo no Brasil?

Para responder a estas questões foram adotados os seguintes procedimentos de pesquisa: análise documental, questionários, entrevistas, com roteiros previamente

elaborados, realizados de forma individual ou coletiva, de acordo com a disponibilidade e perfil dos participantes.

A pesquisa teve como ponto de partida a identificação de pessoas e grupos que chegaram à região na década de 80 e que tiveram atuação no movimento ambientalista na Chapada dos Veadeiros. O passo seguinte foi realizar contatos com esses grupos, com a intenção de explicar qual a intenção de pesquisa e prepará-los para a realização das entrevistas.

O terceiro momento foi o levantamento bibliográfico e documental sobre o movimento ambientalista na Chapada dos Veadeiros. Esse levantamento foi fundamental no sentido de dar suporte para a elaboração dos roteiros de entrevistas e questionários realizados com pessoas e grupos identificados.

As entrevistas tiveram como suporte teórico-metodológico a história oral. O uso da história oral permitiu que memórias e experiências relacionadas ao tema de pesquisa fossem trazidas a partir do roteiro previamente definido. Registros essenciais para a pesquisa surgiram por meio dos registros de memórias de pessoas que vivenciaram um tempo que muitas vezes o documento escrito, quando existente, não traz. Por isso, esse momento da pesquisa foi tão relevante.

A história oral foi utilizada para permear o universo de experiências que nortearam a vida dos entrevistados. Formação escolar e opção de mudança para a Chapada dos Veadeiros, por exemplo, foram recortes utilizados para (re)construir idéias, intenções e contextos socioculturais. Essa metodologia se sustenta na ideia de que registros de história de vida são fundamentais para compreender e permitir a análise do tema de pesquisa. Por isso, ela foi o ponto de partida das entrevistas, que foram complementadas com entrevistas temáticas.

Nos últimos anos, a história oral tem sido amplamente utilizada em processos de pesquisa. O exercício de rememorar as experiências passadas revela que elementos essenciais da experiência de pessoas e grupos sejam trazidos, contribuindo sobremaneira para o entendimento da temática de pesquisa. As entrevistas, ao serem transcritas, geram documentos escritos que, ao serem autorizadas pelo entrevistado, ganha uma dimensão oficial, tal qual o documento produzido por órgãos ou entidades

governamentais. Essa produção documental foi fundamental no atendimento dos objetivos de pesquisa: identificar as características do movimento ambientalista na Chapada dos Veadeiros, entre outros objetivos.

Além disso, a produção documental, a partir da transcrição das entrevistas orais, vai gerar documentos escritos sobre o socioambientalismo na Chapada dos Veadeiros e serão importantes fontes de pesquisa. Essa dimensão do trabalho com a história oral dá à pesquisa proposta uma dimensão peculiar, considerando o fato de que, muitas vezes, é difícil encontrarmos documentação oficial escrita sobre o tema, ainda mais numa região tão específica. Fez parte do procedimento metodológico o registro audiovisual das entrevistas, com a intenção de gerar documentação visual sobre o socioambientalismo em Alto Paraíso – GO.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, J.A.M. A construção do espaço na Chapada dos Veadeiros. In: DUARTE, Laura Goulart & BRAGA, M.L. de Santana (orgs). **Tristes cerrados: sociedade e biodiversidade**. Brasília: Paralelo 15, 1998.

ALEXANDRE, A.F. **A perda da radicalidade do movimento ambientalista brasileiro: uma contribuição à crítica do movimento**. Blumenau/Florianópolis: EDIFURB/Editora da UFSC. 2000.

CRESPO, S. O movimento ambientalista brasileiro pós Rio-92: tendências e perspectivas. In: Feldman, F. **Rio+10 Brasil: uma década de transformações**. Rio de Janeiro: ISER/MMA/FBMC. 2002. p. 24-32.

DIEGUES, A.C.S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NUPAUB. 1994.

FRANCO, José Luiz de A.; DRUMMOND, José Augusto. Preocupações com a proteção à natureza e com o uso dos recursos naturais na Primeira República brasileira. **Textos de História**, 12(1/2), p. 145-165, 2004.

FRANCO, José Luiz de A.; DRUMMOND, José Augusto. **Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil, anos 1920-1940**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2009.

HERCULANO, S. Do desenvolvimento (in)sustentável à sociedade feliz. In: Goldenberg, M. (Org.) **Ecologia, ciência e política**. Rio de Janeiro: Revan. 1992. p. 9-48.

LEIS, H.R. & D'Amato, J.L. O ambientalismo como movimento vital: análise de suas dimensões histórica, ética e vivencial. In: Cavalcanti, C. (Org.) **Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez. 1995. p. 77-103.

LEIS, H.R. Ambientalismo: um projeto realista-utópico para a política mundial. In: Vários Autores. **Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais**. São Paulo: Cortez. 1995. p. 15-43.

_____. **A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea**. Petrópolis: Vozes. 1999.

McCORMICK, J. **Rumo ao Paraíso**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1992.

PÁDUA, José Augusto. Natureza e projeto nacional – as origens da ecologia política no Brasil. In: **Ecologia e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Espaço e Tempo/IUPERJ, 1987, P. 11-62.

_____. O nascimento da política verde no Brasil: fatores exógenos e endógenos. In: Leis, H.R. (Org.) **Ecologia e Política Mundial**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/FASE/PUC-Rio. 1991. p. 135-161.

PÁDUA, J.A. & Grinberg, M. Valores pós-materialistas e movimentos sociais: o ecologismo como movimento histórico. In: Unger, N.M. (Org.) **Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico**. São Paulo: Loyola. 1992. p. 57-74.

PÁDUA, J.A. Espaço público, interesses privados e política ambiental. In: NEPAM. **Ambiente e Sociedade: possibilidades e perspectivas de pesquisas**. Campinas: Unicamp. 1992. p. 1-10.

_____. **Um sopro de destruição – pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

PALMER, J.A. **50 grandes ambientalistas: de Buda a Chico Mendes**. São Paulo: Contexto. 2006.

SVIRSKY, E. & CAPOBIANCO, J.P. **O ambientalismo no Brasil: passado, presente e futuro**. São Paulo: ISA. 1997.

VIOLA, E.J. O movimento ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo à ecopolítica. In: Pádua, J.A. (Org.) **Ecologia e Política no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ. 1987. p. 63-109.

VIOLA, E.J. & Boeira, S. A emergência do ambientalismo complexo-multissetorial no Brasil (particularmente na microrregião de Florianópolis) nos anos 80. In: **Textos Básicos: IV Seminário Nacional sobre Universidade e Meio Ambiente**. Florianópolis: UFSC. 1990.

VIOLA, E.J. & Leis, H.R. A evolução das políticas ambientais no Brasil, 1971-1991: do bissetorialismo preservacionista para o multissetorialismo orientado para o desenvolvimento sustentável. In: Hogan, D.J. & Vieira, P.F. (Orgs.) **Dilemas socioambientais e Desenvolvimento Sustentável**. Campinas: Editora da Unicamp. 1992. p. 73-102.

VIOLA, E.J. O movimento ambientalista no Brasil (1971-1991): da denúncia e conscientização pública para a institucionalização e o desenvolvimento sustentável. In: Goldenberg, M. (Org.) **Ecologia, ciência e política**. Rio de Janeiro: Revan. 1992. p. 49-75.

VIOLA, E.J. & Leis, H.R. O ambientalismo multissetorial no Brasil para além da Rio-92: o desafio de uma estratégia globalista viável. In: Vários Autores. **Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais**. São Paulo: Cortez. 1995. p. 134-160.